

DIFICULDADES ENCONTRADAS POR ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DO MUNICÍPIO DE UBERABA AO EXPLICAREM A TERAPIA OCUPACIONAL¹

CAROLINE PENTEADO DE ASSIS²

MARIA PAULA PANÚNCIO-PINTO³

RESUMO

Diante da complexidade envolvida no processo de compreensão da Terapia Ocupacional devido à existência de multiplicidades discursivas e práticas a partir das inúmeras possibilidades e das diversidades de atuação, estudantes e profissionais podem encontrar problemas ao explicarem a profissão. Assim este estudo identificou quais as possíveis dificuldades encontradas por estudantes e profissionais ao explicarem a Terapia Ocupacional. Participaram desta pesquisa 34 sujeitos, 17 estudantes e 17 profissionais. Ela foi realizada no município de Uberaba e utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado com seis perguntas. Os dados foram expostos de forma comparativa e analisados a partir da frequência de ocorrência e análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que a dificuldade mais citada entre os estudantes foi a diferenciação da Terapia Ocupacional de outras profissões, já entre os profissionais a explicação foi a diversidade de atuação do terapeuta ocupacional. A partir dos resultados da pesquisa foi possível observar que o fator tempo e a experiência profissional podem ser entendidos como facilitadores do processo de elaboração da explicação, evidenciado pela maior maturidade dos profissionais.

Palavras Chave: Terapia Ocupacional, Dificuldades, Explicação, Estudantes, Profissionais.

¹ Parte das reflexões aqui relatadas foram apresentadas no X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional- 2007. Goiânia-GO.

O presente artigo é fruto do projeto "Estratégias utilizadas por estudantes e profissionais para explicar o que é terapia ocupacional", aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Uberaba sob parecer CAAE - 0024.0.227.000-07

² Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro no curso de Terapia Ocupacional. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Endereço eletrônico: cpa_to@hotmail.com

³ Docente da Universidade de São Paulo no Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) no curso de Terapia Ocupacional. Endereço Eletrônico: maryb7c@uol.com.br

DIFFICULTIES ENCOUNTERED BY OCCUPATIONAL THERAPY STUDENTS AND PROFESSIONALS TO EXPLAIN THE PROFESSION IN THE CITY OF UBERABA

ABSTRACT

Considering the complexity involved in the process of understanding the meaning of occupational therapy due to the existence of multiple discourses and practices, students and professionals may find it difficult to explain the profession, from the numerous possibilities and diversity of actions. This study has identified what could be the possible difficulties encountered by students and professionals to explain occupational therapy. The participants were 34 subjects, 17 students and 17 professionals and it was held in the city Uberaba. An instrument of data collection was used: a semi-structured questionnaire with six questions. The data were exposed in a comparative way and analyzed on the basis of the frequency and content analysis. The results showed that the difficulties most often cited among the students was the differentiation of occupational therapy from other professions, but among the professionals the explanation was the diversity of work that occupational therapists do. From the results of the research it was observed that professional time and experience could be understood as facilitator factors of the process in preparing the explanation, as evidenced by the more senior professionals to explain the profession.

Key words: Occupational Therapy, Explanation, Students, Professionals.

INTRODUÇÃO

Segundo Liberman, Tedesco e Samea et al (2006) a complexidade em compreender a terapia ocupacional não é apenas conceitual e estratégica, mas principalmente na delimitação de sua função profissional. Para Lima (1999) o próprio campo de atuação do terapeuta ocupacional pode ser entendido como um espaço de multiplicidades discursivas e práticas diante das inúmeras possibilidades e das diversidades de atuação.

Assim, ao explicarem a profissão, estudantes e profissionais podem encontrar dificuldades ao transmitir o conhecimento ao ouvinte. Medeiros (2003) problematiza essa discussão, dizendo que o fato de estarmos vinculados a um saber dotado de valores

ideológicos pode ser outro complicador para a compreensão de nossas práticas.

Galheigo (1999) diz que se por um lado essa multiplicidade pode dificultar a compreensão da terapia ocupacional, por outro pode se perceber tal condição como uma realidade vantajosa, na medida em que admite a complexidade e recusam-se as explicações universais, a fim de superar os desafios para seu entendimento.

Dessa forma, neste momento, vão ser descritos os domínios e campos de atuação da Terapia Ocupacional segundo a Associação Americana de Terapeutas Ocupacionais AOTA (2002), a fim de que se possa discutir concretamente esta complexidade. Serão explicados todos os aspectos necessários para a compreensão da profissão, como: a participação em

contextos de vida; as áreas de desempenho ocupacional, as habilidades e os padrões do desempenho (*performance*); o contexto, as demandas da atividade e os fatores do cliente-sujeito.

Para a AOTA (2002) são sete as áreas de desempenho ocupacional que garantem aos seres humanos sua participação em contextos de vida:

Atividades de Vida Diária (atividades básicas de vida diária, ou atividades pessoais diárias) são as ações de autocuidado, realizadas no cotidiano e dentre elas estão: o banho, o controle de atividades como defecar e urinar, vestir-se, alimentar-se, locomover-se, a higiene pessoal, a atividade sexual e o sono;

Atividades Instrumentais de Vida Diária (ou atividades de vida prática) são aquelas que promovem a interação do sujeito com o ambiente, sendo de ordem complexa e opcional, pois podem ser delegadas a outros. Dentre elas estão o cuidado com os outros, o cuidado com animais de estimação, as práticas de criação de filhos, a comunicação (manuseio e domínio de instrumentos como o telefone, o computador, aparelhos de telecomunicação para surdos e cegos), o transporte, a administração financeira e manutenção da saúde, a administração do lar e os cuidados e preparação de alimentos, a limpeza da casa e as compras, os procedimentos de segurança e emergência;

Educação, que envolve basicamente a participação do sujeito em ambientes de aprendizagem, como a escola formal, a exploração pessoal de interesses e necessidades educacionais e a participação em educação informal;

Trabalho, que pode ser realizado a partir de empregos com remuneração ou apenas aqueles advindos de atividades voluntárias. O trabalho pode interferir no desempenho ocupacional de diversas maneiras: em interesses e metas profissionais que interferem na identificação e seleção de oportunidades de trabalho

baseadas em gostos, limitações e habilidades; na procura e conquista de emprego; no desempenho do trabalho; no preparo para a aposentadoria; na exploração e participação de atividades voluntárias de trabalho;

Brincar é uma área que se destina basicamente à faixa etária infantil. São atividades espontâneas e organizadas que promovem a ação intencional da criança sobre o objeto, promovendo alegria, diversão e entretenimento, além de favorecer o desenvolvimento neuropsicomotor. Dentre as brincadeiras podem ser citados: jogos de exploração, jogos de regras, jogos simbólicos, jogos construtivos;

Lazer é uma área motivada intrinsecamente pelo sujeito e vivenciada fora do tempo das atividades obrigatórias. Envolve o processo de escolha e exploração e participação em atividades de várias naturezas: culturais, esportivas, entre outras;

Participação Social são atividades realizadas no sistema social que podem envolver: a comunidade, os vizinhos, organizações, trabalho, escola, família, amigos e pares. Trata-se de uma importante área de desempenho ocupacional que de certa forma faz intersecção com todas as outras e envolve habilidades essenciais para a satisfação na vida.

A partir desta descrição das áreas de desempenho ocupacional nota-se que elas abrangem todas as ocupações do cotidiano e as ações envolvidas em cada desempenho compõem a rotina de vida das pessoas. Portanto, apesar de parecer simples pensar em um profissional que trabalha com ações cotidianas, torna-se difícil a tarefa de explicar como o terapeuta ocupacional pode intervir nessa diversidade de áreas de desempenho.

Entretanto somente explicar este conceito não é suficiente para a compreensão da atuação do terapeuta ocupacional. Ainda é necessário entender que as ações cotidianas realizadas por meio das áreas de desempenho

ocupacional dependem de habilidades e padrões de desempenho, que são influenciados pelo contexto, pelas demandas de cada atividade e por fatores do sujeito que as realiza.

As habilidades de performance são aquelas que caracterizam o fazer do sujeito, levando em consideração sua capacidade. Ao analisar o desempenho o terapeuta ocupacional analisa as habilidades que são efetivas e as que não são. Para tal o terapeuta utiliza observação dirigida e escalas/instrumentos selecionados para avaliar habilidades específicas. Dentre as habilidades verificadas há as motoras (postura, mobilidade, coordenação, força, esforço e energia), as processuais (organização temporal, espacial, gerenciamento de ações, atenção e resolução de problemas) e por fim as habilidades de comunicação (interação com o ambiente, a troca de informação e relação) (AOTA, 2002).

Os padrões de performance referem-se aos hábitos (comportamentos automáticos específicos que podem interferir de forma positiva ou negativa no desempenho ocupacional); às rotinas (estabelecimento de sequências que conferem estrutura às atividades cotidianas) e aos papéis (conjunto de comportamentos que contam com aprovação social para os quais existe um código de normas) (AOTA, 2002).

O contexto reúne uma variedade de condições externas ao sujeito, as quais influenciam em sua maneira de atuar e nos padrões e habilidades avaliadas do desempenho ocupacional. Dentre os contextos nos quais se desenvolvem as ações dos sujeitos de intervenção destacam-se: o cultural, físico, social, virtual, pessoal, espiritual e temporal. Quanto às demandas da atividade, ou às características das atividades que compõem o desempenho ocupacional, vários fatores interferem e afetam as habilidades e sucesso do desempenho, dentre eles: objetos e suas propriedades: ferramentas, material, equipamento; espaço requerido (contexto físico): tamanho, temperatura, iluminação, barulho, umidade,

ventilação; demandas sociais (contexto social e cultural): estrutura social e demandas requeridas (regras do jogo), expectativas dos outros participantes; sequência e tempo: etapas, tempo requerido; ações requeridas: todas as habilidades demandadas pela atividade; funções corporais: funções fisiológicas dos sistemas, incluindo funções psicológicas (mobilidade das articulações, nível de consciência); estruturas corporais: partes anatômicas do corpo (mãos, olhos, etc.) (AOTA, 2002).

Por fim é preciso levar em consideração os fatores do cliente-sujeito, sejam os físicos, os psicológicos, os cognitivos e os psicossociais, fatores relacionados ao seu desempenho ocupacional que também é afetado pela doença, disfunção ou problema. Vale ressaltar que os terapeutas consideram que os fatores do cliente afetam seu engajamento em ocupações e vice-versa, compreendendo esse aspecto como guia de todo o processo de intervenção.

Portanto observa-se que vários fatores são necessários para entender a Terapia Ocupacional, pois ela compreende e atua junto ao sujeito de intervenção considerando particularidades a partir de características biopsicossociais, além da variedade de condições do contexto que influencia o seu desenvolvimento.

Caniglia (2008), ao exemplificar o trabalho do terapeuta ocupacional, diz que a sua atuação implica a ampliação do leque de possibilidades e opções, favorecendo “encontros” entre as habilidades do ser humano e a diversidade de ocupações oferecidas no mundo contemporâneo. No entanto essa ampliação dificulta o processo de explicação da profissão, sendo, portanto, necessário muitas vezes focar uma compreensão mais profunda da própria dimensão disciplinar, a fim de que a profissão seja sempre caracterizada pelo seu objetivo de trabalho facilitando o seu entendimento.

Assim, embora a Terapia Ocupacional seja uma profissão que utiliza ações cotidianas, são complexas as relações

teóricas, os cenários e situações de vida em que o profissional atua, o que pode dificultar o processo de compreensão da profissão. Dessa forma o problema de pesquisa do estudo foi discutir se estudantes e profissionais encontram dificuldades para explicar a Terapia Ocupacional.

OBJETIVO GERAL

Investigar possíveis dificuldades vivenciadas por estudantes e profissionais ao explicarem a Terapia Ocupacional.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Comparar o perfil de dificuldades encontradas entre estudantes e profissionais.

LOCAL

A pesquisa foi realizada em Uberaba, município do estado de Minas Gerais com a população estimada de 300 mil habitantes. Essa cidade foi selecionada para ser alvo da pesquisa porque nela existem tanto graduandos como profissionais de terapia ocupacional atuando, já que há dois cursos de graduação de terapia ocupacional profissionais, um deles implementado há oito anos e o outro há dois anos.

PARTICIPANTES

Fizeram parte do estudo 34 pessoas, dentre elas 17 estudantes e 17 profissionais de Terapia Ocupacional.

Seleção dos participantes

A seleção dos estudantes ocorreu de maneira aleatória de forma que eles foram escolhidos a partir do interesse em participar, após a apresentação da proposta de pesquisa a um grupo deles. Os profissionais também foram selecionados de maneira aleatória. O primeiro contato foi via telefone e conforme a disposição e interesse em participar posteriormente foram agendados encontros presenciais para apresentação do projeto e aplicação do instrumento.

INSTRUMENTO

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário elaborado com objetivo de levantar as possíveis dificuldades vivenciadas por estudantes e profissionais ao explicarem a Terapia Ocupacional.

Nesse questionário havia seis perguntas, que discorriam sobre: o meio e a maneira pela qual os estudantes e profissionais conheceram a profissão, a forma como o participante explicava a terapia ocupacional no seu cotidiano, as dificuldades encontradas para explicar a profissão às pessoas e a influência da prática profissional no processo de explicação.

O instrumento passou por uma fase de teste, pois foi elaborado para o presente estudo e por isso ainda não havia sido aplicado. Assim tal procedimento foi importante a fim de que se pudesse avaliar a clareza do instrumento para a realização das adequações necessárias. Na fase de teste o instrumento foi respondido por 8 participantes os quais fizeram comentários. Ao final modificaram-se apenas algumas palavras utilizadas para que as perguntas se tornassem mais claras e objetivas.

PROCEDIMENTO

Primeiramente o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade de Uberaba e após o parecer positivo (CAAE - 0024.0.227.000-07) é que se deu início à coleta de dados. A partir desse momento foi feita a apresentação da pesquisa aos participantes. Os estudantes de graduação em Terapia Ocupacional foram contatados em grupo e aqueles que manifestaram interesse em participar da pesquisa foram selecionados. Já para o contato com os profissionais foi necessário primeiramente realizar o levantamento dos locais onde trabalhavam assim agendar por meio de contato telefônico um encontro presencial para apresentação do projeto. Após o aceite dos estudantes e dos profissionais para participarem da pesquisa por meio da

assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o questionário foi aplicado e posteriormente analisado.

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados do questionário foram analisados a partir de estatística descritiva com a apresentação da frequência relativa utilizando porcentagem simples nas questões. A análise de porcentagem dos participantes foi realizada separadamente para que se pudessem realizar comparações entre estudantes e profissionais. Assim cada grupo foi representado pela a porcentagem de 100% .

Devido ao número reduzido de participantes essa pesquisa teve apenas uma abordagem qualitativa, sendo os dados analisados sob a perspectiva da análise de

conteúdo, proposta por Bardin (1997). A categorização foi construída por meio da formação de núcleos de sentido a partir da análise das questões. As categorias discutidas foram: a forma pela qual os graduandos conheceram a profissão; elaboração das explicações; dificuldades em explicar a profissão e contribuição da vivência prática no processo de explicação.

RESULTADOS

Os primeiros dados discutidos foram os relativos à Tabela 1, que apresenta uma comparação entre as formas pelas quais os estudantes e profissionais de Terapia Ocupacional participantes da pesquisa conheceram a profissão e a frequência com que cada meio de contato foi citado no questionário.

Tabela 1- Comparação do resultados dos estudantes e profissionais relativos à forma de conhecimento da Terapia Ocupacional

Forma pela qual conheceu a Terapia Ocupacional	Profissionais	Frequência	Estudantes	Frequência
Amigos	4	23%	6	35%
Guia de Profissões	10	59%	5	29%
Internet	3	18%	5	29%
Divulgação da Universidade	5	29%	3	18%
Conversa com profissionais da área	1	6%	3	18%
Observando a atuação do profissional	1	6%	1	6%
<i>Total</i>	24	141 %	23	135%

Observação: A porcentagem foi maior do que 100% pois os pesquisados citaram várias formas pelas quais conheceram a profissão.

Os dados encontrados podem indicar modificações nas formas pelas quais os participantes conheceram a profissão. Entre os profissionais o Guia de Profissões foi a forma de contato mais citada, já entre os estudantes notou-se uma maior frequência no contato inicial com a profissão por meio dos amigos, ou seja, estudantes ou profissionais da área. Conhecer a forma pela qual os

participantes da pesquisa tiveram seu primeiro contato com a profissão foi considerado um dado relevante, pois demonstrou como a Terapia Ocupacional estava sendo divulgada no município alvo da pesquisa. Tal dado revela que esse conhecimento tem sido difundido com maior frequência no município Uberaba, uma vez que os estudantes já têm acesso a informações sobre a profissão

por meio dos amigos.

Este dado não é presente apenas na realidade do município pesquisado, pois discussões trazidas por Barros e Oliver (2003) colocam que atualmente existem 35 cursos de graduação, com cerca de 1.990 vagas ao ano. Os autores discutem que houve um aumento expressivo do número de instituições privadas, que de 10, em 1998, passaram para 26, em 2002, o que consequentemente aumentou o número de profissionais no mercado de trabalho. Dentro dessa mesma estimativa, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional no ano de 2007 estimava que 7.815 terapeutas ocupacionais se encontravam inscritos.

Apesar de haver um maior conhecimento da terapia ocupacional no município pesquisado procurou-se investigar como os participantes elaboravam suas explicações. Porque se acredita que compreender esse processo é essencial para identificar as possíveis dificuldades vivenciadas por eles ao explicar a profissão. Ao analisar a forma como os estudantes e profissionais elaboravam suas explicações foram encontrados objetivos diferenciados.

Entre os estudantes, 75% utilizavam a palavra “atividade como recurso terapêutico” como foco da explicação. Caniglia (2005) coloca que ao utilizar a palavra atividade define-se a atuação profissional segundo o meio:

“É comum encontrarmos definições tipo: “A Terapia Ocupacional é uma profissão que se utiliza da atividade como recurso terapêutico”. O que se observa nesse tipo de definição é que os meios se fecham “pelas atividades” e “para que fim? Frequentemente não é especificado ou “salta para a saúde humana em geral, palavra também com grande representação entre graduandos e profissionais. Ainda alguns objetivos gerais, permite a abertura de um leque” dando margem a se trabalhar com múltiplos objetos profissionais. Frequentemente a “atividade” aqui é colocada como “terapêutica” com conotação de “remédio”,

“medicamento”, advindo do modelo médico. Esses conceitos que definem a profissão pelo caminho da atividade recurso e tomam o sentido dos objetos múltiplos devem ser cuidadosamente estudados, observando-se o risco de se cair numa concepção técnica (terapia pela atividade), de se estar trabalhando com objetos de outras profissões e sobrepondo funções e ainda, de se cair no (globalismo).” (p. 46)

Nesse caso ao explicar a Terapia Ocupacional por meio da atividade como recurso terapêutico cria-se uma orientação de base instrumentalista, pois se o terapeuta não estiver utilizando atividades ele não exerce a terapia, o que realmente não é verdade, pois esse não é o objetivo da profissão. Portanto essa palavra e objetivo utilizados não expõem para o ouvinte a atuação real do terapeuta ocupacional.

Os profissionais, em sua maioria de 80%, formulavam as explicações com intuito de expor ao ouvinte as áreas de atuação a partir do desempenho ocupacional como objetivo. Para Caniglia (2005) esta é uma definição que coloca em foco o objeto da profissão:

existem várias denominações dadas ao objeto: atividade humana, fazer humano, ação humana, desempenho ocupacional, função ocupacional, saúde praxica, fenômeno ocupacional, afazeres diários, atividades rotineiras, atividades do cotidiano, cotidiano ocupacional, performance funcional, rotina qualificada, cotidiano saudável, atividade significativa, etc (p. 47).

Para a mesma autora colocar o objetivo profissional para o ouvinte durante a explicação dá subsídios para que se possa diferenciar a Terapia Ocupacional de outras profissões. Os meios, ou seja, a atividade como recurso terapêutico, até podem aparecer nesse tipo de definição, mas de forma genérica. Por exemplo: “A Terapia Ocupacional atua na saúde humana em geral e no desempenho ocupacional (objetivo profissional), em particular utilizando-se de metodologia adequada (meio de forma genérica) para atingir seu fim”.

Portanto, diante dessa explicação, o terapeuta ocupacional se torna livre de aprisionamento conceitual da utilização da atividade como meio, “sob o risco de se estar descaracterizando a profissão”. Aqui a profissão se liberta da orientação instrumentalista e consequentemente da estagnação (CANIGLIA, 2005).

Nota-se então que o objetivo da explicação utilizada pelos estudantes participantes da pesquisa dá margem a interpretações equivocadas ao ouvinte, dificultando o processo de compreensão. Já os profissionais revelam maior maturidade ao elaborar as explicações, tendo como principal foco o desempenho ocupacional.

Os dados discutidos a seguir são apresentados a partir da Tabela 2 e descrevem uma comparação de dificuldades encontradas entre os participantes para definir a profissão Terapia Ocupacional a partir da frequência de ocorrência.

Tabela 2- Comparação da existência de dificuldades encontradas entre os graduandos e profissionais ao explicar a Terapia Ocupacional

Existem dificuldades ao explicar a profissão?	Profissionais	Frequência	Estudantes	Frequência
Sim	7	41%	12	71%
Não	10	59%	5	29%
<i>Total</i>	17	100%	17	100%

Por meio dos dados foi possível discutir que os estudantes apresentam maiores dificuldades para definir a Terapia Ocupacional, evidenciado pela frequência de 71%. No entanto 41% dos profissionais também manifestaram a sua dificuldade em definir a profissão, portanto notou-se que 19 participantes ainda encontram problemas para

dizer quem são e o que fazem profissionalmente.

Os próximos dados a seguir discutem e descrevem as principais dificuldades encontradas pelos estudantes ao explicar a profissão. Assim a Tabela 3 apresenta as principais dificuldades e sua frequência de ocorrência.

Tabela 3-Comparação entre as dificuldades encontradas pelos graduandos e profissionais ao explicar a Terapia Ocupacional

Dificuldades encontradas pelo s Estudantes	Frequência	Dificuldade Encontrada pelos Profissionais	Frequência
Diferenciar a Terapia Ocupacional de outras profissões	31%	Diversidade de Atuação	23%
Fazer com que o ouvinte compreenda as informações fornecidas	23%	Própria nomenclatura "Ocupacional"	18%
Explicar ao ouvinte a abrangência das áreas de atuação	23%	A compreensão da atividade como recurso terapêutico	17%
Falta de conhecimento da Terapia Ocupacional como profissão	23%	Diferenciação da Terapia Ocupacional de outras profissões	6%
<i>Total</i>	100%		64%

A frequência total não foi de 100% entre os profissionais porque alguns deles disseram que não tinha dificuldades ao explicar a profissão.

A dificuldade mais citada entre os estudantes foi a diferenciação da Terapia Ocupacional de outras profissões, já entre os profissionais, a explicação da diversidade de atuação. Apesar de as dificuldades serem diferentes, elas apresentaram aspectos comuns, porque a diferenciação e a diversidade de campos de atuação são oriundas do próprio processo de formação de conhecimentos da profissão.

Galheigo (1999) discute que a Terapia Ocupacional surgiu como um produto da fragmentação dos saberes e dos fazeres e teve a constituição de seu corpo de conhecimentos alimentado-se de diferentes disciplinas para a fundamentação de sua prática. Medeiros (2003) afirma que por congregar várias disciplinas de outras profissões, a Terapia Ocupacional acaba sendo uma área de conhecimentos interdisciplinar e isso faz com que ela possa ser um elemento importante na construção de novos rumos.

Entretanto, dentro dessa discussão, teórica Caniglia (2005) diz que, antes de discutir a interdisciplinaridade, faz-se necessário uma compreensão mais profunda da profissão, pois o enfoque disciplinar trata da forma de organização do conhecimento no interior da profissão.

Assim a presença e o empréstimo de disciplinas para a formação do nosso objeto de estudo dificultam a compreensão dos estudantes, porque eles ainda buscam diante desse cenário interdisciplinar uma legitimidade no campo científico e ao mesmo tempo se integrar com outras profissões.

Portanto notou-se que duas questões no discurso dos estudantes dificultavam o processo de explicação da Terapia Ocupacional. A primeira discutida foi a utilização da palavra atividade como recurso terapêutico como objetivo da profissão e a segunda foi a própria dificuldade que o estudante tem de diferenciar a Terapia Ocupacional de outras profissões, fato que consequentemente pode interferir no próprio processo de elaboração da explicação e na compreensão do ouvinte, dificuldade também citada pelos estudantes.

Já entre os profissionais a dificuldade de explicar a profissão é menor, pois eles expõem ao ouvinte o objetivo da profissão, ou seja, a atividade humana, proporcionando subsídios para que ele possa diferenciar a Terapia Ocupacional de outras profissões. No entanto os profissionais ainda têm dificuldade para explicar a diversidade de campos na qual o terapeuta pode atuar.

Segundo Galheigo (1999) e Lima (1999) isso se dá porque a multiplicidade nos campos de atuação da terapia ocupacional surgiu do próprio processo de formação de conhecimentos da profissão no qual houve o empréstimo de várias disciplinas, o que resultou no desenvolvimento da ampla área de atuação profissional.

Outra dificuldade citada pelos profissionais está relacionada à utilização de dois termos “ocupação” e “atividade” como recurso terapêutico, usados em muitos momentos para definir os objetivos e instrumento de trabalho do terapeuta ocupacional. Nesse sentido, torna-se necessário fazer uma distinção entre eles.

O documento da AOTA (2002) diz que a palavra atividade descreve uma classe geral das ações humanas que são voltadas para objetivos conscientes. Outra autora, Fuzikawa (1995), esclarece o significado da atividade como recursos terapêuticos que podem ser compreendidos como instrumentos utilizados pelo terapeuta que envolvem: teatro, pintura, música, artesanato, entre outros. Já a ocupação, segundo a AOTA (2002), é entendida como determinante para a identidade e competência de uma pessoa, influenciando

na forma como a pessoa usa seu tempo e faz suas escolhas.

Assim as palavras “atividade” e “ocupação” são centrais para o conhecimento da Terapia Ocupacional. Dessa forma a não compreensão desses termos pode dificultar o entendimento da profissão. Medeiros (2003) discute que a interpretação errônea desses termos é influenciada culturalmente por épocas históricas relacionadas ao Tratamento Moral, segundo o qual a doença mental deveria ser combatida com atividades ocupacionais, que tinham a finalidade de apenas ocupar o tempo ocioso e organizar o comportamento por meio de árdua disciplina. Portanto as dificuldades vivenciadas pelos profissionais apresentam aspectos voltados para a compreensão de termos que têm seu entendimento comprometido em função do próprio processo histórico da profissão.

A Tabela 4 apresenta de forma comparativa a discussão sobre a contribuição da vivência prática para explicar a terapia ocupacional. Os dados aí expostos foram analisados por meio da frequência de ocorrência detectada nas respostas dos profissionais e estudantes.

Tabela 4- Comparação dos resultados entre estudantes e profissionais sobre a contribuição da vivência prática e do processo de explicação da Terapia Ocupacional

A vivência prática facilita a forma de explicar a Terapia Ocupacional?	Profissionais	Frequência	Estudantes	Frequência
Sim	17	100%	15	88%
Não	0	0%	2	12%
<i>Total</i>	17	100%	17	100%

A maioria dos participantes da pesquisa acredita que a vivência prática é um fator que interfere de forma positiva na explicação da profissão. Pode-se discutir a partir desse dado que a falta de experiência prática que os estudantes têm da profissão interfere na dificuldade que eles apresentam para explicá-la, fato detectado com

menor frequência entre os profissionais participantes da pesquisa.

Para Castro (2005) o terapeuta ocupacional, dependendo do campo e área de atuação, realiza as adaptações de saberes e práticas de acordo com as necessidades e questões apresentadas pelos sujeitos atendidos e assim

constrói gradual e artesanalmente saberes específicos a partir de suas experiências profissionais. Essa construção geralmente interfere na forma como os estudantes e profissionais exemplificam suas explicações tornando-as mais claras e objetivas ao ouvinte.

Nesse sentido Mângia (1999) coloca que é necessário relatar e formalizar experiências práticas, pois elas são consideradas fatores essenciais que podem contribuir para superar a tradição oral e criar parâmetros para ser possível discutir e avaliar criticamente o que se faz. Portanto, acredita-se que a vivência prática seja um facilitador tanto para a compreensão da Terapia Ocupacional pelo ouvinte quanto para disseminação de conhecimentos sobre a profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que este trabalho atingiu os objetivos propostos, pois conseguiu identificar e comparar as possíveis dificuldades vivenciadas por graduandos e profissionais ao explicarem a Terapia Ocupacional no município de Uberaba.

Entre os participantes da pesquisa os estudantes apresentaram maiores dificuldades por estarem em processo de formação; apresentarem problemas ao diferenciar a terapia ocupacional de outras profissões e não terem um amplo tempo de vivência prática. Dessa forma esses aspectos interferiram no processo de elaboração da explicação, cujo objetivo e palavras escolhidas não retratavam de forma clara a profissão, dando margem a interpretações errôneas ao ouvinte. Entre os profissionais essa realidade foi diferente, eles tiveram menores dificuldades em explicar a profissão por já serem graduados, pelo próprio tempo de trabalho, arsenal de conhecimento e de experiências.

Diante da complexidade envolvida no processo de explicação devido à multiplicidade discursiva e de práticas a partir das inúmeras possibilidades de ação, o

fator tempo e a experiência profissional podem ser entendidos como facilitadores do processo de elaboração da explicação dos participantes da pesquisa, evidenciados pela maior maturidade dos profissionais ao explicarem a profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPISTS ASSOCIATION. Therapy Practice Framework: domain and process. *The American journal of occupational therapy*, v. 56, n. 6, p.609-639, 2002.

BARROS, D. D, OLIVER, F. C. Contribuição para a discussão do Qualis de terapia ocupacional no Brasil. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 14, n. 2, p. 52-63, 2003.

BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Ed 70, 1997.

CANIGLIA, M. M. *Terapia Ocupacional: um enfoque disciplinar* Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2005.

CANIGLIA, M. O processo de trabalho na área da saúde e o ato terapêutico ocupacional. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v.32, supl. 1, p.81-88, 2008.

CASTRO, E. D. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 16, n. 1, p. 14-21, 2005.

FUZIKAWA, P. L. Uma contribuição para o entendimento da Terapia Ocupacional. *Caderno de Terapia Ocupacional de Belo Horizonte*, v. 7, n.1, p.33-41, 1995.

GALHEIGO, S. A transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 10, n. 2/3 , p. 49-54, 1999

LIMA, E. M. P. A. Identidade e complexidade: composições no campo da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.10, n.2/3, p.42-46, 1999.

MANGIA, E.F. Terapia Ocupacional: práticas, discursos e questão da legitimidade científica. *Revista de Terapia Ocupacional*. Universidade de São Paulo, v 10, n2/3, p.55-9, 1999.

MEDEIROS, M. H. R. Terapia Ocupacional um enfoque Epistemológico e social. São Carlos: EDUFUSCar, 2003.

Recebido: 14/05/2009

1ª Revisão: 02/03/2010

2ª. Revisão: 15/06/2010

Aceite: 28/07/2010